

A INSATISFAÇÃO É GERAL

Lisandra Paraguassu / BRASÍLIA
Angela Lacerda / RECIFE

Servidor

aposentado, morador do Plano Piloto, região de classe alta de Brasília, Rogério Bastos vive aflito com a precariedade dos transportes da cidade. Como dono de carro, sofre com os congestionamentos. Como empresário, tem prejuízos porque os ônibus vivem dando problema, seus funcionários não aparecem e ele tem prejuízo. “Nunca usei ônibus em Brasília, mas é claro que os problemas me afetam”, resume. “Se o transporte público tivesse qualidade, não estariam todos querendo ter carro particular”.

Um empresário defender bom transporte público – uma causa em comum com seus funcionários – é um comportamento mais frequente em novos tempos nos quais, dada a extensão dos problemas, uma reivindicação por melhores serviços torna-se geral. Na saúde, essa convergência aproxima a classe média – que sempre buscou bons planos de saúde –, da classe C, que passou a sonhar com esses planos, a conhecê-los e desejar menor dependência do serviço público. No caso do empresário Bastos, ele discorda também dos estímulos que o governo dá à indústria automobilística. “Não ajuda o governo ficar dando incentivo, redução de impostos”.

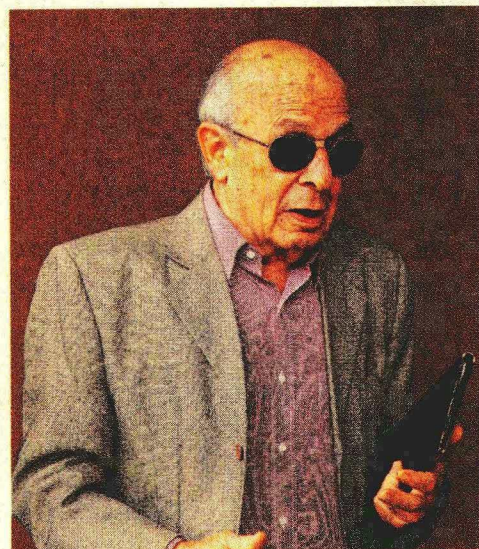
‘Falta tudo’. Aos 80 anos, o office-boy Luiz Soares da Silva, também de Brasília, sofre na pele o que Bastos analisa. Ele tem passe livre, mas sobram razões para queixas. “É muito ruim. A qualidade dos ônibus até melhorou, mas não se respeita horário, faltam linhas e ônibus. No entorno falta tudo, tem ônibus que dá vergonha de ver”. Se ele tivesse de pagar, gastaria R\$ 10 por dia.

Em situação parecida, mas pagando, a

brasiliense Gabriela Nascimento, 18 anos, chega quase sempre atrasada na escola, sem almoçar, e aguarda longo tempo em pontos onde só passa um ônibus por hora. “E quando vem, está lotado”, queixa-se ela. Tanto a estudante quanto o office-boy assistem sem esperanças à campanha eleitoral sem acreditar que um próximo governador traga soluções. “Eles falam muito, mas nunca se resolve”, diz Gabriela. “Cada um quer fazer tudo novo, não continua o que o outro estava fazendo.”

No Recife. A doméstica da Julia Damiana da Conceição e o inspetor de polícia Augusto Santana, moradores de Olinda, Pernambuco, também são exemplos de que a precariedade dos serviços leva pessoas de diferentes níveis de renda a discursos parecidos. Julia, de 47 anos, foi três vezes deixada na mão pelo sistema de saúde. Na primeira, passou por quatro emergências em busca de atendimento para a filha de 14 anos, picada três vezes por um escorpião. Há dois anos, Julia teve trombose e não conseguiu atendimento. Hoje, recorre ao SUS para resolver um problema de visão do filho de 9 anos. “Posso dizer que tenho sorte, pois conheço uma funcionária que coloca meu nome na lista”, diz.

Em 1988, o inspetor Augusto, já com 78 anos, teve uma experiência inviável a alguém de renda mais modesta: reuniu-se a um grupo de 40 profissionais em um plano de saúde privado. Foi uma promoção. Por bom tempo as famílias receberam um bom serviço – mas, quatro anos atrás, a empresa foi comprada. Sofrendo hoje de Alzheimer, ele é ajudado pela mulher, Maria Nicácia Lopes. “Já disseram que o nosso custo é muito alto, dá prejuízo, e querem aumentar em 70% o preço do plano”, diz Maria Nicácia. A saúde, por outros caminhos, é também um problema sem saída para os dois.



“Nunca usei ônibus, mas é claro que os problemas me afetam. Se o transporte público tivesse qualidade, não estariam todos querendo carro”

Rogério Bastos, EMPRESÁRIO, BRASÍLIA



“Posso dizer que tenho sorte, pois conheço uma funcionária que coloca meu nome na lista”

Júlia Damiano, DOMÉSTICA,

NA FILA DO SUS, RECIFE



“Quando o ônibus vem, está lotado. Os políticos falam muito, mas nunca se resolve”

Gabriela Nascimento, ESTUDANTE, BRASÍLIA



“Já disseram que o nosso custo é muito alto, dá prejuízo, e querem aumentar 70% o preço do plano”

Maria Nicácia Lopes, DONA DE CASA COM PLANO DE SAÚDE, RECIFE